OS PRIMITIVOS DONOS DA TERRA DOS INHAMUNS

Gomes de Freitas

O branco invasor chegando ao centro sudoeste da Capitania do Ceará encontrou suas terras habitadas por hordas selvagens, sob o domínio da valente nação dos Jucás, abrigada às margens do riacho dêste nome, que deságua no Jaguaribe, perto da Serra dos Boqueirões, atualmente Serra de Arneirós.

Êsses índios pertenciam à grande família dos *tarairiús*, oriundos da longínqua Sibéria, na opinião do sábio Tomás Pompeu Sobrinho, de saudosa memória. A propósito das origens do nosso íncola, há uma fábula que nos faz recordar aquela história da lôba, mãe nutrícia de Rômulo e Remo, fundadores de Roma.

Diz a lenda tupi que o homem primitivo da América é descendente da anta (*Tapirus americanus*), um dos maiores mamíferos do Nôvo Continente (Plínio Salgado, "Raízes Raciais do Brasil", *Correio do Ceará*, ed. de 24.2.1968.)

No entanto, a grande escritora Elisabeth Chezley Baity destrói o mito com estas palavras: "Embora tais especulações sejam interessantes, hoje todos os cientistas se acham de acôrdo, em que a raça índia atingiu a América, procedente da Ásia, através do estreito de Bhering, numa longa série de emigrações que ocorreram de tempos em tempos, através de milhares de anos."

Os Jucás eram um povo de compleição forte, que se fixou em um país de ares amenos, vegetação variada, com largas faixas de árvores frutíferas e caça abundante. Daí porque, em qualquer época do ano, regalavam o apetite de carne e peixe, e, no verão, vitaminavam-se com frutos de umbuzeiros (*Spondia tuberosa*), colhidos do maior pomar destas *anacadeácias*, no interior do Ceará, situado ao longo do Rio do Umbuzeiro e em um dos braços do Riacho do Jucá.

Por habitarem região tão rica, os Jucás nunca tiveram problemas de deslocamentos em busca de alimentos, como sucedia com os Tabajaras e outras tribos que desciam para o litoral em procura de frutos e peixes para suprirem suas necessidades orgânicas.

Ainda hoje se observa que, ao contrário do que ocorre em outras zonas dos Inhamuns (*Inho, inha* — sertão e *mu* -alto), não se formam levas de retirantes, durante as sêcas. Mesmo na época em que faltam as chuvas, o sertanejo dessa região tira o sustento do *seu chiqueiro de criação.* A grande massa campesina dos Inhamuns deve ao bode (*Capra hircus*), a sua radicação à terra.

Os índios de minha terra eram hábeis no preparo de iguarias como, por exemplo, a paçoca da amêndoa do faveiro (*Cnidoscolus phyllacanthus*), torrada em *caco* de barro cozido, e socada em pilão de pedra, com mel de abelha, e, do âmago do caroço da mucunã (*Dioclea malacocarpa,* Ducke), retiravam uma substância com que faziam gostoso bôlo.

Mantinham os Jucás incipiente cultura de mandioca (*Manihot utilissima*), nas chapadas da Serra Grande que lhes fornecia urus de farinha torrada e duros beijus. O vasilhame usado em suas fábricas de farinha, como significativo marco de sua passagem por aquela cordilheira, foi visto pelo Dr. Pedro Thèberge, há mais de um século (*Esbôço Histórico da Província do Ceará*).

Nos tempos escassos, alimentavam-se os Jucás de *comida braba* preparada com a rizona da macambira (*Bromelia laciniosa* Mart.), do carauatá (*Neoglaziovia variegata*), ou da fécula do inhame (*Dioscorea brasiliensis*), e da trabalhosíssima raiz da mucunã, que era, cuidadosamente, passada em nove águas, da qual retiravam as substâncias tóxicas.

A zona de expansão dessa tribo de guerreiros, com uma superfície quase igual à da República de El Salvador, na América Central (cêrca de 33 000 quilômetros quadrados), abrangia a vasta região dos Inhamuns, que compreende *in toctum,* os Municípios de Assaré, Campos Sales (Várzea da Vaca), Araripe (Brejo Sêco), Farias Brito (Quixará), Altaneira (Santa Teresa), Potengi (Xiquexique), Iguatu (Telha), Cariús (Poço dos Paus), Jucás (S. Mateus), Saboeiro (Cruz), Aiuaba (Bebedouro), Antonina do Norte (Mucambo), Arneirós (Aldeia do Jucá), Cococi, Parambu (Cachoeirinha) e Tauá.

O acadêmico J. de Figueiredo Filho, natural dos Cariris Novos, com opinião semelhante à nossa, no que diz respeito à área da afamada zona do criatório cearense, em o jornal *O Povo,* edição de 29 de julho de 1954, fêz esta interessante observação: — "Conforme o *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo* do desembargador Álvaro Gurgel de Alencar, o sertão dos Inhamuns estende-se desde as cabeceiras do Jaguaribe até Iguatu, compreendendo Tauá, Arneirós, Cococi. Atualmente desdobram-se em outros municípios que por sua vez já começam a formar outros de independência já asse-

gurada pelo legislativo cearense: Acopiara, Saboeiro, Parambu, Aiuaba, Cariús. Há até quem inclua na vasta zona criadora cearense o próspero município de Crateús, que já pertenceu ao Piauí."

Realmente, também integram o território daquela zona sertaneja parte do município de Acopiara (Lajes), a que fica no vale do Truçu, grande porção do município de Catarina (Santa Catarina), na bacia hidrográfica do Condadu e do Riacho do Saco, uma faixa não pequena do município de Crateús (Piranhas), e, finalmente, o flanco ocidental do município de Independência (Pelo Sinal), desde as encostas da Serra da Joaninha até a Lagoa dos Inhamuns, correndo pelo meio os riachos Itaim e do Jucá.

Vale salientar que êste curso d'água, seguindo a norma, recebeu o nome do gentio que o ocupou. Inicialmente, quando o colonizador queria aludir à Ribeira, a denominava Rio onde habita o gentio Jucá, simplificando, depois, para Rio do Jucá.

Para o lado Norte Oriental da bacia do Poti (Itaim-açu), até o antigo Rio do Cavalo Morto, hoje Boa Viagem, nas vertentes do Quixeramobim, demoravam os Crateús (*Sesmarias*, Vol. 14, pág. 131), e na outra extremidade, descendo o Jaguaribe, acima do Boqueirão dos Orós, "assistiam os Quixelôs" (livro citado, Vol. 1.º, pág. 177). Êsses selvagens eram os vizinhos mais próximos dos Jucás que, vez por outra, hostilizavam-se mùtuamente, dando origens a sangrentas escaramuças.

Segundo o renomeado indianólogo Carlos Studart Filho, a história dêsse íncola é "violenta e trágica" e entremeada de lances de bravura e selvageria. A propósito da intrepidez e ferocidade dos Jucás, o escritor José de Alencar escreveu o seguinte: — "O sertão do Quixeramobim era infestado pelas correrias de uma valente nação indígena, que se fizera temida desde Crateús até o Jaguaribe. Era a nação Jucá. Seu nome que em tupi significa *matar* indicava a sanha com que exterminava os inimigos. O laureado indianista conterrâneo fêz ainda esta revelação: — "O chefe da nação Jucá, era o terrível ANHAMUM, nome que na língua tupi significa *irmão do diabo*" (*O Sertanejo*, pág. 257). Efetivamente a palavra túpica Anhamum é formada de *Anhan*, de *Anhanga*, gênio mau da floresta, e *mu*, irmão

A crônica histórica da nossa terra regista as lutas encarniçadas que a nação dos Jucás teve de sustentar, nos primórdios, com os seus irmãos de arco, e, depois, com os povoadores. Eram os nossos avós ameríndios tenazes inimigos da colonização. Tanto assim que "enquanto não foram êles completamente aniquilados pelas armas, não puderam os brancos estender o seu domínio, no século XVII, além da aldeia junto ao forte ou além de outro arraial na barra dos rios", na informação do mestre Antônio Bezerra.

Refere ainda a tradição que, no ano de 1700, os guerreiros bárbaros do principal Anhamum, massacraram os Quixelôs. Alguns anos atrás, os Crateús só não foram exterminados pelos Jucás, porque,

quando se lhes apertava o cêrco, conseguiram escapar-se, procurando, atordoados, agasalhar-se sob o pálio dos Jesuítas da Missão da Ibiapaba, a quem se submeteram, fato de admirar, pois, os Crateús, eram índios de côrso, insubmissos ao aldeamento.

É o que participa a carta ânua de 1695/1697 do diretor da citada Missão, pe. Ascenço Gago, à sua paternidade o Provincial da Companhia de Jesus, na Bahia, adiantando o seguinte: "os Quiratiús por causa de uma guerra que lhes fizeram outros tapuias seus inimigos, em que lhes mataram e cativaram muita gente, andam ainda perturbados." (Pe. Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus*).

É sabido que o sertão dos Inhamuns era a pátria dos Jucás, antes do período da dominação. E, por esta razão, êsses caboclos foram também chamados pelo locativo da terra-berço, isto é, gentio Inhamum, em vez de gentio do Inhamum, segundo o nosso ponto de vista. Êste assunto exige uma explicação.

Nossa convicção é a de que uma tribo sob a denominação de Inhamum nunca existiu no Ceará. Ela firma-se no fato de havermos compulsado o antigo "Livro da Missão do Jucá em que se Axam Registrados Baptizamentos Cazamentos e Mortes Desde 1755 Atte 1808", os primeiros livros de registros de batizados e casamentos da Freguesia de N. Sra. da Expectação, do Icó, para os anos de 1727 a 1775, o primeiro livro de registos de casamentos da Freguesia de N. Sra. do Monte do Carmo, da Ribeira dos Inhamuns, para os anos de 1756 a 1770 e os primeiros livros de registos de batizados e casamentos da Freguesia de N. Sra. da Paz, de Arneirós, para os anos de 1777 a 1801, e, não obstante havermos encontrado batizados, casamentos e óbitos das mais diversas nações de índios, como a dos Cariris, Cariris-açu, Jenipapos, Xocós, Uanês, Jucás, Calabaças, Cariús, Icòzinhos, Crateús, Quixelôs, Paiacus, Tabajaras, não encontramos um só registo do gentio Inhamum.

Thèberge, João Brígido e Araripe, sem provas documentais, localizaram a imaginária tribo Inhamum entre os Quixelôs e os Jucás. Entretanto, o erudito Carlos Studart Filho diverge daqueles historiadores com estas palavras esclarecedoras: — "Hesitamos em aceitar a realidade de sua existência em terras de nossa Capitania" (R.I.C., 1963, pág. 216). "Aliás, na chamada Região dos Inhamuns, não há sinais históricos de sua vivência ali, nem tradição", é a opinião do Dr. Carlos Feitosa, probidoso pesquisador dos fastos da nossa história, expressa em carta datada de 12 de agôsto de 1967, que dirigiu ao intelectual Mozart Soriano Aderaldo, que prepara uma edição anotada do livro *Esbôço Histórico da Província do Ceará*, de autoria do Dr. Pedro Thèberge.

Temerários os selvagens, que se metessem entre São Mateus e Arneirós, trecho do domínio absoluto dos Jucás, pois fatalmente os intrusos seriam massacrados pelas falanges do cacique ANHAMUM. Reza, aliás, a tradição que os Jucás, dominando os inimigos decepa-

vam-lhes as cabeças e as expunham sôbre espeques no Saco do Coronzó, uma fortaleza situada entre muralhas rochosas que ficam num contraforte da Serra Grande, na área por êles então dominada.

Na pimeira metade do século pretérito, o Dr. Pedro Thèberge estêve no Saco do Coronzó. Conta-nos, no seu livro *Esbôço Histórico* que, no local visitado, deparou um quadro macabro pontilhado de caveiras humanas no tôpo de tanqreiras (cêrcas de estacas pontiagudas).

Era assim que os primitivos donos da terra dos Inhamuns procediam contra os que tentavam violar os seus domínios sertanejos.